## INTRODUÇÃO

Ao chegar à escola, cada criança leva consigo uma experiência de vida que lhe é peculiar. Algumas vêm de lares desfeitos, outras vivem sob uma constante ausência dos pais. Há aquelas também que são superprotegidas ou até, muitas vezes, vivem em liberdade total. Enfim são inúmeras as situações, vivenciadas pelas crianças, que desencadeiam comportamentos muitas vezes mal interpretados por aqueles que as rodeiam.

Em conseqüência de sua história de vida, as crianças podem mostrar-se, no ambientes escolares, bastante agitadas, extremamente tranqüilas, ou conseguir manter um equilíbrio entre essas partes, adequando-se aos padrões de comportamento estabelecido pela instituição escolar. Há uma tendência muito grande os professores em relacionarem-se melhor com essas duas últimas. As outras são vistas como crianças difíceis. “A criança difícil é a que se opõe aos esforços dos educadores para moldá-la como cera mole, conforme as próprias concepções”. (BERGE, 1972, p.106).

Há criança que se destacam no ambiente escolar por estarem constantemente xingando e batendo nos colegas, tomando seus brinquedos e geralmente tentando ferir o corpo ou o sentimento dos outros. Essas crianças são chamadas de agressivas, e normalmente constituem-se num terrível problema para o professor.

É comum perceber que em meio aos professores, há uma constante insatisfação e incômodos causados por esses alunos que são considerados agressivos. Não raro são as queixas dos colegas e até mesmo dos pais destes frente às atitudes agressivas que determinadas crianças apresentam na escola.

A agressividade infantil tem sido vista apenas como algo negativo. Mas o que a agressividade representa realmente na vida da criança? O que de fato vem a ser a agressividade?

Neste trabalho abordaremos conceitos de alguns teóricos no que se refere à agressividade infantil, buscando dessa forma obter uma maior compreensão do termo “agressividade infantil”. Tentar-se-á também mostrar o papel da agressividade no desenvolvimento da criança, desmistificando assim o negativismo da agressividade no ambiente escolar.

Mas há duvida de que a agressividade é necessária ao desenvolvimento do ser humano. Uma atitude agressiva da criança pode estar mostrando a sua insatisfação perante alguma coisa. Pode estar representando um protesto, uma discordância.

Ser agressivo é muitas vezes não aceitar aquilo que lhe está sendo imposto. É reagir às situações as quais se está submetido.

A agressividade infantil precisa ser encarada de forma positiva. É importante que os comportamentos agressivos sejam direcionados de maneira que se manifestem de forma mais consciente e compreensível.

Há, entretanto, segundo alguns teóricos, diferenças entre os comportamentos agressivos. De fato algumas crianças agem de forma rude e hostil por causa de outros fatores. Muitas delas podem estar sendo influenciadas por exemplos que tem sua própria convivência, ou mesmo pela violência exposta pela televisão. Enfim, muitos são os fatores que levam a criança a manifestar comportamento agressivo. Abordarei também, as possíveis causas da agressividade infantil na visão de alguns teóricos. Além disso, algumas sugestões de técnicas de como lidar com a agressividade serão colocadas.

Alguns teóricos afirmam que a agressividade é extremamente necessária para a sobrevivência do ser humano deve ser aproveitada e trabalhada de forma que o individuo seja capaz de viver no meio social, de maneira equilibrada e consciente desenvolvendo o senso crítico e buscando alcançar uma vida melhor.

Diante de tudo isso, questiona-se: o que vem a ser realmente a agressividade? A agressividade infantil é um comportamento negativo ou positivo no processo escolar?

O objetivo do trabalho é, portanto, demonstrar que maior atenção dedicada a cada criança, desde os primeiros anos da vida, por parte da família, da escola, dos professores e educadores em geral, no sentido de conhecê-las de fato, seria não a fórmula, mas uma forma de trabalhar a questão da agressividade infantil. Espera-se que, de alguma forma, o mesmo possa contribuir na relação do Professional de educação com agressividade infantil.

# Capítulo 1 - AGRESSIVIDADE

## 1.1. Definição

A agressividade pode se manifestar de várias formas, apesar de principalmente considerarmos agressivos os comportamentos: intimidador físico, onde é utilizada ou ameaçada a utilização de alguma forma de força ou violência física; e o verbal que se manifesta na forma de atitudes verbais, dirigidas a um ou vários interlocutores.

> "Alguns acreditam que os seres humanos apresentam um instinto natural de morte, um impulso inato para a autodestruição, cujo objetivo é liberá-los das tensões da vida. Isso entra em conflito com sua necessidade igualmente importante de criar e preservar a vida. A agressividade poderá, então, ser interpretada como resultado do bloqueio do instinto de morte pelo instinto de autopreservação." TRAIN (1999, p.16)

Dentre as várias teorias a respeito do que é a agressividade existe um ponto em comum. A agressividade é uma característica instintiva inerente a todo o ser humano, que é melhor ou pior controlada de acordo com a personalidade de cada um. As experiências por que cada um passa, o modo de encará-las e o nível de tolerância à frustração que consegue adquirir, darão a medida da agressividade implícita no comportamento do indivíduo.

As causas mais comumente identificadas como gatilho que dispara esses comportamentos, são: instinto de sobrevivência diante de uma ameaça; raiva por não conseguir alcançar um objetivo; não aceitação a críticas; sensação de estar sendo tratada injustamente.

Nem sempre estes tipos de situação geram comportamentos agressivos; existem crianças, que expostas aos mesmos estímulos, se fecham, choram e podem até chegar a desenvolver complexos de inferioridade aceitando suas frustrações sem reagir. Mas isto será discutido mais adiante.

Não podemos esquecer também que as causas dos comportamentos agressivos podem ser decorrentes de dificuldades médicas como doenças da infância, complicações no parto, condição física, de visão e audição. Estas causas podem

provocar dificuldades de aprendizado no aluno e dificuldades de relacionamento com seus colegas. Cabe ao educador, junto aos pais, perceber se o que causa a agressividade da criança, não advém de situações como as citadas, que podem causar um estresse em sua vida, quando não consegue acompanhar uma classe. Este tipo de comportamento pode estar ocorrendo com ela, como resposta a preconceitos sofridos por parte dos colegas e mesmo dentro do ambiente familiar.

Há ainda os casos em que a criança, não consegue se equiparar aos demais, muitas vezes por não ter idade suficiente ou por não ter a mesma aptidão. Se ela não entender que as diferenças fazem parte da vida, pode sentir-se deslocada e incapaz.

Os pais e educadores, por sua vez, também precisam encarar as crianças como seres independentes e não como uma categoria homogênea. Se cada criança tem suas características próprias e pessoais, não devemos tentar entendê-las, encarando-as apenas como uma a mais dentro de um grupo com características iguais e previsíveis. Apesar de terem muitos pontos em comum, cada criança deve ser enxergada como um ser humano único.

Visto assim, deve-se observar ainda qual a idade em que os comportamentos se apresentam. O que pode ser normal aos três anos de idade, como fazer birra, não pode ser encarado da mesma forma se ocorrer com uma criança de nove.

O importante de qualquer modo, é entender que cada criança tem um universo próprio e que a agressividade é uma forma de expressão, já que a comunicação verbal infantil pode ser limitada no que diz respeito à tradução de seus reais sentimentos.

### 1.2. Tipos de Agressividade

Antes de iniciar o estudo da agressividade na criança propriamente dito e o tipo de trabalho pedagógico que pode ser feito no intuito de convivermos pacificamente com suas decorrências, é necessário que se faça uma análise prévia dos tipos de manifestações de agressividade, de modo que não sejam confundidos comportamentos agressivos esporádicos, com questões psicológicas que possam vir a desencadear dificuldades reais no aprendizado e na formação moral, mental e intelectual da criança.

Discutindo possíveis causas a fim de procurar enxergar o problema do ponto de vista da criança em questão, podemos evitar que isto acabe por tornar-se um processo irreversível.

Certa parcela de agressividade é perfeitamente normal em qualquer criança e em qualquer ser humano, para que possa conquistar e proteger seu espaço. O principal desafio é diferenciar a agressividade saudável da que passa a atingir níveis patológicos.

### 1.2.1. Agressividade Física

Existem crianças que possuem um nível de tolerância à frustração muito pequeno. Assim, aparentemente, elas não podem ser contrariadas, pois passam a agredir intimidando a todos. Esta criança pode atacar fisicamente seus colegas, destruir objetos de outras crianças, do patrimônio do local onde tem sua manifestação, de sua própria casa e de seu próprio uso. A criança nesta situação amedronta seus colegas como também seus pais, educadores, e adultos em geral com quem têm contato. Este é um tipo de criança tão assustadora, que provoca nos adultos que a rodeiam uma impotência, levando-os em muitos casos a mimá-la e fazer de tudo para não contrariá-la, e em outros casos obrigando-os a aplicar punições severas e até a responder com violência física. Em ambos os casos, este tipo de atitude potencializa o problema, tornando a situação a cada dia mais difícil de ser contornada. A criança desenvolve uma resistência a tais métodos, e eles passam a ser, cada vez, menos eficazes, mesmo como paliativos.

É sabido que a criança que recebe castigos a todo instante ou intensifica suas manifestações, ou passa a aparentemente menosprezar as punições, ridicularizando-as, em muitos casos, e ignorando-as em outros. No caso da criança que recebe mimos exagerados, costumeiramente passa a menosprezá-los e ridicularizá-los da mesma forma, exigindo cada vez mais.

O que dificilmente os adultos em questão conseguem perceber, é que esta criança precisa de um outro tipo de abordagem e não de persistência em fórmulas sem sucesso.

A criança quando continua e intensifica sua conduta indesejada, pode estar, inconscientemente, fornecendo sinais de que o tipo de reação de seus pais e professores a estas manifestações deve ser revisto, mas a mensagem dificilmente é decodificada desta forma.

Quanto mais a criança exacerba suas atitudes, mais o adulto em questão tende a reafirmar sua resposta. Assim ele sempre reforça o castigo ou sempre aumenta a tolerância em relação à criança, sem que em geral altere ou alterne o tipo de intervenção. Aumenta a intensidade da ação, sem modificar a forma de abordagem.

### 1.2.2. Agressividade Verbal

As crianças que se caracterizam por este tipo de comportamento, geralmente não costumam preocupar tanto os adultos, já que não oferecem perigo. São crianças que apesar de agressivas, não costumam voltar machucadas para casa nem receber queixas por destruir propriedade alheia, por isso, seus pais agem com mais tranqüilidade em relação ao problema, e raramente o percebem como um problema.

Tais crianças costumam ser encaradas como desagradáveis pelos colegas por se preocuparem em demasia consigo mesmas. Elas têm também, como as que agem com agressividade física, uma capacidade de suportar frustrações muito baixas, porém são mais facilmente toleradas, pois não oferecem riscos materiais. São crianças que reclamam de tudo que não lhes agrade, e não se preocupam em agradar a ninguém. São mais egocêntricas, já que entendem que todos os acontecimentos do universo devem ocorrer de tal modo a satisfazê-las, e irritam-se com facilidade, reagindo imediatamente com ofensas, alteração no tom de voz, birra, e ameaças verbais que dificilmente se transformam em atitudes físicas.

Estas crianças costumam ser dominadoras, mandonas, barulhentas e indisciplinadas, e costumam apresentar um comportamento exigente, buscando sempre atenção.

### 1.2.3. Comportamento Agressivo Eventual

Não se pode confundir um comportamento agressivo eventual, com uma agressividade realmente característica e tônica da personalidade de uma criança, que pode acarretar problemas sérios de aprendizado e de assimilação da realidade, que apesar de dura, é a única que temos a oferecer.

Toda criança tem na agressividade uma importante válvula de escape, necessária para sua sobrevivência e seu desenvolvimento. Conforme avança em faixa etária, as manifestações costumam se atenuar, modificando sua forma. Ao progredir para a vida adulta, sua agressividade bruta é lapidada e pode se disfarçar em sutis mecanismos de defesa, que continuam sendo úteis durante toda a existência.

Para se identificar até que ponto um comportamento agressivo é normal, seria válido observar a criança, comparativamente a crianças da mesma idade. Outro ponto a ser percebido é a freqüência com que ocorrem tais situações.

Um combate intensivo à agressividade infantil, sem certificar-se de que ela assume um caráter patológico, seria negar à criança a possibilidade de progresso no mundo competitivo que ela deverá enfrentar em breve.

A agressividade, em oposição à acomodação, é extremamente necessária. Segundo WINNICOTT (1998, p.81), exacerbando esta idéia, não fossem os delinqüentes, não haveria revoluções e a história não evoluiria. Em outro nível, um indivíduo que aceita e se conforma com sua situação, sem reagir, impede-se de alcançar maior desenvolvimento, seja ele social, econômico, intelectual, ou em qualquer área.

### 1.2.4. Delinqüente Habitual

Tratando aqui do delinqüente habitual, ou seja, o adolescente que desenvolve comportamento anti-social, pode-se estabelecer até que ponto esta peculiaridade pode decorrer de um comportamento agressivo na infância.

Tomando por base o caso de Laura, de 7 anos, que estivera por cerca de três meses em tratamento com um terapeuta devido a seu comportamento agressivo, e

cujos sentimentos eram expressos através de roubos, riscar pintura de carros, pintar carros com tinta spray enquanto andava na rua, e atear fogo nas coisas"i, podemos supor que existe uma forte ligação entre as duas condutas.

Considerando-se a importância do fator externo neste processo, o ambiente em que vive a criança e os fatos a que foram expostas durante a primeira infância, são de fundamental relevância.

OAKLANDER (1990, p.221) explica que em mais da metade de uma série de casos houve uma separação de mais de seis meses entre a criança e a mãe nos primeiros cinco anos de vida da criança.

WINNICOTT (1998, p.81) reformula a idéia dizendo que ser indesejado, ser atirado de uma pessoa para outra nos primeiros meses de vida, predispõe à doença anti-social.

Ele alude também a possibilidade de que a doença anti-social seja mais uma doença de crianças normais perturbadas pelo ambiente, enquanto que a doença maníaco-depressiva sim, seja uma doença sem relação com os eventos ambientais de modo geral e de caráter interno.

De qualquer forma, é preciso estar atento aos comportamentos agressivos da criança, a fim de diagnosticar se essas manifestações não seriam sintomas primários do que poderia vir a se tornar um comportamento delinqüente.

WINNICOTT (1998, p.81) defende ainda, que o indivíduo anti-social, o delinqüente típico, seria uma criança adorável durante o período em que ainda nos idealiza, antes de o decepcionarmos. Ela acaba se decepcionando com facilidade, pois tem um ideal muito exigente de como as coisas deveriam acontecer.

Se pudermos tentar suprir a carência desta criança, é provável que consigamos diminuir a incidência de rebeldia no comportamento infantil.

### 1.3. Possíveis causas do comportamento agressivo

Diversas podem ser as formas pelas quais a agressividades se apresenta. O mundo infantil não é uma brincadeira constante, diversão apenas, sem nenhuma responsabilidade, uma vida tranqüila e agradável tão fácil de ser levada.

Para ela, é uma vida cheia de restrições onde suas opiniões dificilmente são levadas em conta, onde é obrigada a aceitar um conjunto de regras preestabelecidas que na maioria das vezes não consegue entender, e onde ela enfim procurará fazer tudo que puder para sobreviver. Fará aquilo que julgar melhor para vivenciar seu processo de crescimento procurando não se machucar.

Muitos adultos em variadas ocasiões classificam comportamentos diretos e espontâneos, como agressivos.

Crianças passivas, retraídas, subjugadas, talvez até mesmo as catatônicas, também estão expressando seus sentimentos a sua maneira.

A criança que se manifesta espontaneamente é mais extrovertida e se posiciona melhor na classe expondo suas opiniões, mesmo quando não é solicitada, é irrequieta, age impulsivamente, procura atingir outras crianças, é desobediente, fala alto, interrompe a aula com freqüência, cutuca e provoca os outros, desperta comportamentos semelhantes nas outras crianças, e tenta ser dominadora. É a primeira a ser notada, mas não costuma ser muito popular junto aos adultos, sendo costumeiramente rotulada de rebelde.

Em contrapartida, raramente um adulto é censurado por interromper uma criança, o que parece ser no mínimo uma relação injusta. Quando uma criança é chamada de agressiva, rebelde, rude, desobediente, deve-se levar em consideração se a pessoa que fez tal observação não é justamente a que lhe dá este exemplo de conduta.

Segundo OAKLANDER (1990, p.223), muitas vezes a criança é considerada agressiva quando está apenas manifestando raiva. Pode quebrar um prato ou dar um soco em outra criança como pura expressão de raiva. Entretanto, estes comportamentos agressivos não são a verdadeira expressão da raiva, mas desvios dos sentimentos reais. Atos definidos como anti-sociais podem incluir comportamentos destrutivos, tais como destruição de propriedade, roubo, atear fogo.

A criança que desenvolve comportamentos hostis, intrusivos, destrutivos pode possuir sentimentos profundos de ira, rejeição, insegurança e ansiedade, mágoa e baixa auto-estima. Tem provavelmente dificuldade e medo de expressar seus

sentimentos de outra forma e acaba explodindo em acessos de fúria aparentemente inexplicáveis.

O que se percebe é que os adultos com que tem contato, freqüentemente atribuem esses comportamentos a dificuldades internas da criança, não percebendo que o ambiente a perturba. O que pode ser atribuído a ela, no caso, é a falta de habilidade em lidar com suas dificuldades e de resolvê-las de outra maneira.

Este processo costuma ser gradual. A criança não é acometida de repente de uma súbita vontade de provocar um incêndio ou jogar tinta em carros. O que se observa é que a cada novo problema que se apresenta, sua impotência aumenta, já que reconhece que o modo como costuma tentar resolvê-los não é eficaz, mas tampouco consegue assimilar outra forma de agir. Quando os comportamentos ultrapassam o nível de aceitação e tornam-se anti-sociais, costumam traduzir uma tentativa desesperada de chamar a atenção dos adultos restabelecendo uma ligação social.

## Formas de Manifestar Raiva

A raiva é um sentimento legítimo de todo o ser humano. É normal que se sinta raiva, em qualquer idade. Este sentimento não é prerrogativa apenas das crianças. A verdadeira dificuldade está na maneira de expressá-la e em como podemos aceitar estes sentimentos e expressá-los de modo socialmente tolerável.

Nossa atitude cultural em relação à raiva, é o que torna mais complexa a situação. Acreditamos que não é bonito sentir raiva. Por conseguinte, este padrão de pensamento também é transmitido às crianças. Apesar disso, as crianças não são poupadas de experimentar a ira dos adultos. Novamente, exigimos aqui que a criança entenda esta via de mão única, que pode ser mais uma vez entendida como injustiça ou, pelo menos, confundir a criança quando esta percebe que o conceito que lhe foi passado verbalmente, não tem fundamento prático.

A criança percebe que um adulto age agressivamente quando pretende exigir que se cumpra sua vontade, e usando seu raciocínio lógico, resolve imitá-lo quando julga necessário impor uma vontade própria. Mas apesar desta conduta ser encarada

normalmente quando parte de um adulto, merece repreensão severa quando parte dela.

> "As crianças têm muita dificuldade em expressar a raiva. Os comportamentos anti-sociais (comportamentos considerados irritantes para a nossa ordem social estabelecida) não são expressões diretas de sentimentos de raiva, e sim uma forma de evitar esses verdadeiros sentimentos. Uma vez que os sentimentos de mágoa usualmente são soterrados sob uma camada de sentimentos de raiva, é muito ameaçador e difícil para as crianças, e no que se refere a isto também para os adultos, varar a superfície raivosa para permitir a total expressão dos sentimentos autênticos que se encontram sob a superfície". (OAKLANDER, 1990, p.235)

Os sentimentos de raiva também podem ser traduzidos em tensões musculares, assim, se a raiva não puder se manifestar de alguma forma direta, certamente se manifestará de alguma outra maneira que geralmente é prejudicial ao próprio indivíduo que a sente.

Os músculos da cabeça, da barriga e do peito se contraem provocando dores. É fácil entender que uma criança com sintomas físicos como estes tenham dificuldades de concentração, compreensão e aprendizado.

As crianças em sua necessidade premente de serem amadas preocupam-se muito com as reações dos adultos à sua volta. Muitas delas privam-se de extravasar sua raiva, e existem as que se aliviam como podem, chorando escondidas, berrando dentro de uma caixa ou abafando o som no travesseiro, mordendo objetos de espuma, ou socando o sofá ou o colchão quando não são observados. Existem casos ainda onde a criança rasga as próprias roupas, arranha-se ou destrói seus próprios objetos. Jogos ou atividades esportivas poderiam ser um paliativo para estes casos.

Podemos ainda perceber manifestações de raiva através de trabalhos de arte, como desenho, pintura, escultura, música e teatro. Expressá-los dessa forma, se não for capaz de relaxá-la, ao menos propicia fonte de diagnóstico para o trabalho profissional.

Mais uma vez, cabe aqui o alerta de que nem todo o comportamento hostil deve ser encarado como indesejável. Freqüentemente somos lembrados através de biografias dos grandes artistas clássicos considerados gênios, que sentimentos de

intolerância, indignação, rebeldia e revolta foram matéria prima de suas obras. A inadequação a regras pode levar a revoluções e à conseqüente renovação.

Assumindo atitudes indiretas e sendo sarcástico, por exemplo, é possível administrar estes sentimentos de forma mais velada e melhor aceita, de modo geral.

## Capítulo 2 - CADA CRIANÇA É UM INDIVÍDUO ORIGINAL E ÚNICO

Este capítulo indica como a criança deve ser encarada individualmente. Nada pode ser mais insensível do que se tratar todas as crianças da mesma forma. É claro que todas devem ter direitos, deveres e regras gerais de condutas básicas dentro de um parâmetro padronizado. Por outro lado, a maneira de demonstrar a elas a forma como estes conceitos devem ser seguidos é que deve ser personalizada.

Cada criança é uma pessoa, um ser humano individual, com características, tendências, desejos e necessidades diferentes. Acreditando-se que a criança é apenas uma amostra de uma categoria, e que como tal, responde a estímulos iguais da mesma forma que outras, corre-se o risco de errar com todas, ou pela lei da probabilidade, eventualmente se acerte com uma ou outra em um determinado ponto ou em outro.

Um educador, bem como uma família, quando tem sob seus cuidados uma ou várias crianças, não pode simplesmente compará-las e julgá-las de acordo com expectativas iguais. A criança tímida, por exemplo, requer um tipo de estímulo externo, completamente diferente de uma outra mais extrovertida.

Assim, poderia ser considerada uma atitude aleatória a de repreender uma criança que está conversando durante a aula, quando esta é provavelmente a primeira vez que ela se sente com coragem de fazer uma brincadeira com os colegas. Se ela normalmente tem dificuldades em ousar atitudes de se aventurar, tentando sobressair-se junto às outras crianças, o momento em que finalmente consegue superar esta dificuldade, com certeza, não é o melhor momento para reprimi-la. Essa criança merece uma tolerância maior do que outra que tem como hábito interromper as aulas com conversas ou brincadeiras.

Conhecer cada criança, procurando entender o que a levou a uma determinada atitude, certamente é uma medida de grande ajuda na compreensão da sua personalidade.

Da mesma forma, uma criança que num único e determinado momento revida um ataque verbal com uma agressão física, não pode ser encarada como uma criança desajustada e receber o mesmo tipo de punição ou reprimenda que uma outra que tenha como hábito este comportamento. Em alguns casos, esta atitude isolada pode até

ser reforçada, sem desconsiderarmos a necessidade, mesmo nestes casos, de uma conversa sobre regras básicas de convívio.

Sempre é preciso ouvir a criança e estar aberto para compreender suas razões. Não deve existir uma regra pré-fixada onde toda criança, que tem um comportamento x, é identificada dentro do comportamento y. A própria vida não é tão previsível assim.

Há o momento certo para reconhecer que o comportamento indesejado é um problema que precisa de uma atitude rigorosa. Muitos profissionais que lidam com crianças, bem como grande parte dos pais, relutam em reconhecer que pode haver motivo de preocupação. Muitas vezes, eles têm dificuldade em admitir que determinada criança é um problema difícil demais para eles e que não sabem como resolver a questão.

Para não se sentirem incapazes com relação a sua função, acabam eventualmente se apoiando em premissas como meninos são assim mesmo ou esta idade é um problema. Generalizando as questões como coisas de criança adiam uma tomada de posição séria com relação ao problema.

## 2.1. Diferenças Inatas das Crianças

Toda criança nasce com determinadas tendências. Da mesma forma que o tempo de gestação e forma como decorreu este período; a maneira como evoluiu o parto; as características físicas apresentadas no nascimento; o grau de irritabilidade nos primeiros dias de vida, ou eventuais doenças neonatais a que uma criança está sujeita, o temperamento e a personalidade de cada uma delas, também são diferentes, caracterizando cada ser humano um indivíduo particular.

Sendo assim, não podemos desprezar as dificuldades que uma ou outra criança possa ter com relação a diferentes questões. Sabendo disso e conhecendo melhor do que ela a realidade com a qual vai se deparar durante seu processo de crescimento, é nossa função recepcioná-la da melhor maneira possível.

Se conseguirmos vê-la como um visitante que ainda não conhece as regras do local onde deverá viver durante os próximos anos, torna-se tarefa importante proporcionar-lhe o conhecimento de todo o sistema de funcionamento e condições

exigidas para seu relacionamento com os demais, de forma que ela se sinta o melhor possível, bem entrosada e bem aceita.

Toda criança deve acreditar que é capaz de atingir os objetivos mais remoto, independente da classe social da qual provém, da estrutura familiar da qual faz parte, ou da condição cultural que lhe foi oferecida anteriormente. Para tanto, a conscientização dos pais e professores, no sentido de aprenderem a incentivar a criança, mostrando a ela um mundo de possibilidades e não de dificuldades e fraquezas, também é recomendável.

## 2.2. Rivalidade Fraterna

O conceito de rivalidade fraterna é muito mais uma situação imaginária que só existe dentro de um processo mental da criança, do que uma realidade. Dificilmente, encontramos casos em que os pais tratam melhor a um de seus filhos, ou conceda a um maiores privilégios do que a outro. Apesar disso, a criança costuma sofrer imensamente acreditando nisso.

Apesar de tratar as crianças da mesma forma, o adulto muitas vezes se esquece que além das diferenças de personalidade que cada uma pode vir a ter, são provenientes de históricos diferentes.

Para percorrer este tema, utilizaremos como base uma família composta por pais e dois filhos em idades diferentes.

Cada filho chegou ao mundo num período em que a família vivia uma situação diferente. Por exemplo, quando nasce o primeiro filho de um casal, geralmente este vem sendo esperado com bastante expectativa, ansiedade e euforia. O casal é inexperiente na tarefa de pais, e ainda está se adaptando a idéia de deixar de ser um casal para se tornar uma família. Quem espera pela criança são seus pais, e toda a sua atenção está dirigida para esta criança.

Um segundo filho geralmente chega numa oportunidade em que o casal freqüentemente já se habituou à condição de pais, já está mais adaptado à vida familiar, o pai já está mais acostumado a dividir a atenção da esposa com uma criança e ambos tem menor ansiedade, pois têm menos dúvidas quanto a forma de lidar com a

criança. A partir da experiência que obtiveram com o primeiro filho, sentem-se mais aptos e com maior facilidade de entender o que se passa com o segundo. Esta tranqüilidade que não deve ser encarada como desinteresse, (mas pode, do ponto de vista da criança em questão). Pode se atenuar no caso deste segundo filho ser de sexo oposto ao do primeiro. Neste caso, há uma novidade a mais que possibilita alterar um pouco este quadro. De qualquer forma, esta criança será recebida por pais aparentemente menos preocupados e por um irmão cheio de ansiedade, expectativas e ciúme latente, que também terá dificuldades para enfrentar a nova situação que se apresenta.

Geralmente, o filho mais velho, teria motivos para sentir ciúmes do mais novo. Partindo do pressuposto que antes da chegada do irmão, todas as atenções da casa eram para ele, o novo irmão, representando a figura de um intruso, significaria uma ameaça à situação por ele exercida até então.

O outro, por sua vez, sem saber porque, enfrentará de imediato um ambiente já dominado por uma outra criança e terá que conquistar seu espaço, que dificilmente poderá ser maior do que a metade do espaço total.

Estas crianças poderão desenvolver uma intensa ansiedade, já que acreditam que, de alguma forma, seu irmão possa ser melhor do que ele em algum aspecto e automaticamente possa ser mais amado pelos pais. O ciúme é forte e a criança acaba sentindo hostilidade em relação ao irmão. O conceito de fraternidade tão difundido ao redor do mundo, como sinônimo de amizade incontestável, não se configura nestes casos.

Também não deve ser ignorado o caso de crianças gêmeas, já que apesar de terem nascido na mesma data, também terão que dividir o espaço e o amor dos pais.

BETTELHEIM (2000, p.254), ilustra o fato com a análise de alguns contos infantis. Na estória dos Três Ursos, ou Cachinhos de Ouro, o bebê Urso pode ser encarado como o filho mais velho, que tem seu pratinho, sua cadeirinha, sua caminha e o amor dos pais. Dentro deste contexto, surge a intrusa Cachinhos de Ouro representando a figura do irmão mais novo, que toma sua sopinha, quebra sua cadeirinha e adormece na sua caminha, representando perfeitamente a sensação que o irmão mais velho tem de estar sendo destituído de sua posição. Ela por sua vez, vinda

de fora, espia aquele lar, desejando fazer parte dele e compartilhar do aconchego que aparenta oferecer. Experimenta os pertences do papai Urso e da mamãe Urso, e acaba se identificando com os objetos do bebê Urso. Isto simboliza a tentativa do irmão mais novo se adequar ao meio, até então seu desconhecido. Da mesma forma que o bebê Urso (irmão mais velho) se sente agredido, Cachinhos de Ouro (irmão mais novo), se assusta e se choca com o egoísmo do Ursinho ao exigir suas coisas de volta. Assustada, Cachinhos de Ouro sai pela janela, praticamente expulsa, traduzindo a rejeição que a criança imagina existir. O Bebê Urso no caso, está apenas tentando defender o seu espaço, e neste caso, os pais (Papai e Mamãe Urso), apóiam o bebê expulsando a menina. Muitas vezes sabemos que o adulto, por exemplo, repreende a criança menor que rabisca os cadernos da mais velha. Talvez tenha sido esta a referência do criador do conto ao representar os pais numa atitude tão clara de proteger a criança mais velha.

Poderíamos até imaginar, a partir do conceito de rivalidade fraterna, que o autor do referido conto tenha sido um irmão mais novo e tenha escrito a história tentando representar seus sentimentos durante a infância. Talvez ele tenha sido um irmão mais velho e tenha escrito a história para se vingar do irmão mais novo expulsando-o do convívio dos pais.

Outra estória citada na interpretação da rivalidade fraterna é a da Gata Borralheira (BETTELHEIM 2000, p.262). Neste conto, os conflitos com os irmãos, disfarçados de meio-irmãs é o que simboliza o conceito. Cinderela é freqüentemente humilhada e escravizada pelas irmãs tendo que fazer todo o tipo de tarefa servil e tendo como *habitat* natural o borralho, lugar sujo e cheio de ratos, reforçando sua condição inferior. Aqui a figura dos pais aparece disfarçada de madrasta má, que colabora e protege as irmãs em todas as situações.

A criança sempre se identifica com a Borralheira, dentro da fantasia de que seus pais não a consideram digna de seu amor.

Esta desagradável sensação de rejeição, ciúme, impotência e medo da comparação, também é muitas vezes geradora de agressividade nas crianças. Neste caso a criança tem duas alternativas: começar imediatamente a expressar sua agressividade diretamente com o próprio irmão ou, se lhe foram impostos conceitos

morais muito rígidos, ir engolindo esta agressividade ao longo dos anos, na esperança de que, como nos contos de fada, um dia chegará a sua vez. Se isto não acontecer antes do seu limite chegar ao fim, se ela não conseguir realizar a sua vingança a nível subjetivo e este ressentimento contido pode acarretar uma explosão de violência tardia.

## 2.3. O Papel da agressividade no desenvolvimento da criança.

Na formação do desenvolvimento humano, o ambiente e a hereditariedade, exercem continuamente, uma interação mútua.

Durante este desenvolvimento, surgem de forma previsível os padrões de comportamento sensório motor, mental e social, que influenciados pelo ambiente como pela hereditariedade exercem o amadurecimento dessas frases operacionais.

Os primeiros anos de vida da criança constituem um período muito sensível onde acontece o seu despertar. É um período curto, que, entretanto pode sofrer fortes mudanças devido à experiência posteriores que podem reverter as vivenciadas anteriormente.

São particularmente úteis as teorias do estágio para a compreensão do desenvolvimento das primeiras capacidades que aparecem de forma esperada e organizada e que dependem principalmente do corpo e do sistema nervoso.

Segundo PIAGET(1992, p.79), o paladar, a visão, o tato e o olfato e a manipulação, constituem-se em suas experiências durante os 24 meses de vida, ou seja, o uso do sistema sensorial motor.

Pode-se perceber também que neste estágio sensório motor as crianças aprendem a conduzir o comportamento para metas especifica. Chutar, para livrar-se dos cobertores, levarem objetos à boca na tentativa de sugá-los, mexer em objetos para ouvir barulhos, conduz a descobertas que seu planejar definem determinados comportamentos com resultados definidos.

Há ainda capacidade de imitar respostas novas complexas e exatas, mesmo quando o modelo está ausente. Uma criança que percebe alguém tendo um acesso de mau humor pode tentar ter ataque repentino de mau humor tempos depois, no entanto para tal reação a criança guarda em quadro mental no momento. A imitação

apresentada mostra, portanto que as crianças começam a formar as representações simples desses acontecimentos durante seus dois primeiros anos de vida. Entretanto a maior parte do pensamento da criança está limitada a ações durante o estágio sensório motor.

Já as crianças na idade de dois a sete anos direcionam-se fortemente pelas percepções da realidade, através da manifestação de objeto concreto elas conseguem resolver questões, embora tenham dificuldade de lidar com visões abstratas dos mesmos problemas.

O egocentrismo, segundo PIAGET (1992, p.59) caracteriza o pensamento da criança nesta etapa pré-operatória. Elas tentam ver o mundo com sua própria visão. Acham difícil por se no lugar das outras pessoas ou até mesmo entender que existem outras formas de se ver e compreender as pessoas e o mundo ao seu redor lhe pertencesse e tivessem a capacidade de compreender e resolver qualquer situação e agem algumas vezes como invencíveis super-heróis.

As crianças entre os sete e os onze anos conseguem realizar operações mentais silenciosas, ou seja, conseguem usar a lógica para compreender o porquê das coisas. Elas já não só guardam incontestavelmente por informações sensoriais simples, por essa habilidade lhe permiti uma compreensão mais abstrata das coisas. Piaget chamou essas habilidades de operações concretas, quando as crianças já usaram o raciocínio para resolver problemas com recursos de categorização e ordenação de objetos.

A criança já consegue diferenciar o real da aparência, uma é temporária e outra permanente, desenvolvendo assim esse insight fundamental.

Embora as crianças, no estágio das operações concretas, trabalhem com objetos usando a lógica, e baseiam com raciocínio, elas ainda não são plenamente capazes de lidar com idéias abstratas. Elas resolvem problemas através da tentativa e erro, em vez de usar de uma estratégia eficiente e sistemática.

Esta fase do desenvolvimento infantil é de real importância na formação psicológica e no caráter da criança. Quando bem estruturadas a ajudará no equilíbrio emocional e quando não bem direcionadas ou desestruturadas tende a causar uma série de distúrbios emocionais provocando diferentes reações entre elas à agressividade.

Geralmente os professores têm um modelo de aluno que aprende. O modelo de bom aluno é ser aplicado, obediente, respeito, cumpridor, agradável, limpo, estudioso, etc. O aluno que foge a este padrão é visto como rebelde, difícil, desinteressado. Enfim, um aluno-problema que só atrapalha o trabalho do professor.

Segundo NEWCOMBE (1999), este modelo de aluno que aprende é mais facilmente aceito pelas meninas do que pelos meninos, pois coincide com o que a sociedade exige delas como mulheres, sendo assim menos contraditório. No entanto, a sociedade exige um outro comportamento por parte do homem, e isto faz com que o menino tenha alguns conflitos na escola. Assim, muitos meninos constroem problemas de aprendizagem que se constituem em defesas reativas frente a esta situação tão confusa. Tais defesas então podem ser demonstradas através de comportamentos agressivos. Daí então se afirmar que as meninas mostram-se menos agressivas que os meninos.

Retornando a parte inicial deste trabalho podemos ver que ao contrário do que afirma a linguagem corrente, a psicologia coloca a agressividade como um comportamento necessário à sobrevivência humana, embora a mesma tenha sido vista apenas como um fator negativo no desenvolvimento da criança. Na psicologia, a agressividade é percebida como um comportamento positivo diante da adaptação, auto-realização e satisfação do ser humano. (DAVIS, 1983, p.64).

A agressividade faz parte da criatividade, WINNICOTT (1998, p.175), disse algo assim: “É necessário que o adulto entenda, aceite e valorize que a criança necessita derrubar a torre de blocos de montar para que ela possa valorizar a sua própria capacidade de construir torre de blocos”.

Com esta frase ele diz que para poder tomar contato com a capacidade de aprendizagem, é necessário tomar contato com a possibilidade de que também se pode destruí-lo.

Se um adulto ou professor impedisse uma criança, dizendo-lhe que é muito agressivo, derrubar uma torre de blocos, ou mesmo desmontar algum brinquedo então esta criança apresentará dificuldade para reconstruí-los.

Isso também acontece na relação aluno x professor. Muitos alunos são proibidos de derrubar os conhecimentos dos outros, usando sua agressividade, que é a única forma que eles têm no inicio de construir conhecimentos.

Esse fato causa sérios prejuízos no desenvolvimento da criança, que podem tornar-se totalmente passivos, mostrando-se fraca, incapaz de lutar pelos próprios direitos.

## 3. INFLUÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS NOS PROCESSOS DE AGRESSIVIDADE INFANTIL.

Não podemos ignorar a responsabilidade do mundo adulto nos processos de agressividade das crianças. É óbvio que influências externas contribuem para tais comportamentos, mesmo que apenas como reforço e aval para que as crianças possam desenvolvê-los. As atitudes e a maneira como é tratada a população infantil, podem sim criar mecanismos de defesa nas crianças.

Dadas as intensas e profundas transformações por que vêm passando nossa sociedade, devemos considerar o reflexo provocado dentro do grupo familiar. Certos parâmetros econômicos, culturais e de valores, mudaram consideravelmente, obrigando a família a uma adaptação à nova realidade.

Segundo OUTEIRAL (1996, p.16) no lugar da antiga estrutura familiar, onde a criança convivia num ambiente de grande família, incluindo avós, tios, primos, onde havia sempre algum adulto disponível para auxiliá-la, e uma dedicação quase integral da mãe, que quase nunca estava inserida no mercado de trabalho, surge uma nova família composta dos pais, e um ou dois filhos, morando em geral longe dos grupos familiares de origem, tendo poucos contatos com suas relações de parentesco, e estando ambos os pais inseridos no mercado de trabalho. Este núcleo priva assim as crianças, futuros adolescentes, das oportunidades oferecidas pela estrutura familiar que seus pais eventualmente experienciaram.

Esta criança tem menor contato, pelo menos em tempo físico, com pessoas significativas para ela afetivamente, tem menos oportunidades de exercitar uma convivência estreita num ambiente mais amistoso e protegido e por isso pode ter dificuldades de se relacionar com outras pessoas de um modo geral.

Convivendo num mundo em que têm que se adaptar à ausência diária dos pais, respeitar pessoas com quem não possui grande grau de afetividade, tendo a televisão como companheira básica e aprendendo cada vez mais a ter que ser responsável por si mesma, não é de se estranhar que a criança mais suscetível desenvolva problemas ligados ao convívio, agindo com agressividade, muitas vezes, por se sentir desprotegida e obrigada a se defender sozinha do mundo hostil que reconhece.

## O Mundo Adulto Como Exemplo de Agressividade

Crianças mais vulneráveis ao meio externo podem ter maior dificuldade em enfrentar a vida tal como ela se apresenta. Estas crianças necessitam de uma estrutura familiar que as apóiem, para conseguir resistir aos desafios do processo de crescimento. Nem sempre isso é possível.

É comum encontrar históricos familiares nas crianças com comportamentos agressivos, em que se podem encontrar pais, que tiveram problemas em suas próprias infâncias.

Não é raro também o alto índice de violência familiar, configurado como espancamento de esposas, maus-tratos a crianças por parte de seus responsáveis ou irmãos, e mesmo um ambiente de animosidade constante entre os membros da família.

A criança que convive em um meio onde tem a sensação de que a qualquer momento pode haver uma conflito, um comportamento violento e mesmo discussões com nível alto de agressividade, se tiver maior tendência à vulnerabilidade, se sentirá insegura quanto ao modo de se relacionar com o mundo em geral.

Segundo TRAIN (1999, p.86), dentro de uma família na qual um ou mais membros são criminalmente ativos durante o primeiro período de criação da criança, predispõe uma tendência à delinqüência infantil. Este risco tende a se mostrar maior em contextos familiares onde há distúrbios nos relacionamentos e nos quais há um pai cruel, negligente e criminoso. Outras características de tais famílias, como desemprego persistente, alcoolismo e traços de personalidade anormal nos pais, estão também associados à criminalidade.

Em situações onde a criança é criada fora do ambiente familiar e convive com crianças provenientes deste tipo de ambiente, estes fatores também constituem grande influência.

Crianças que roubam, destroem propriedades, ateiam fogo às coisas ou cometem atos de vandalismo, muitas vezes, vêm de lares onde imperam comportamentos violentos. Muitas vezes estas crianças testemunharam relações sexuais de adultos.

No caso de crianças mais resistentes dentro de famílias melhor estruturadas, um certo grau de violência em família talvez seja uma experiência necessária para que ela possa formar um parâmetro e estabelecer limites para suas próprias relações afetivas, sociais e até profissionais no futuro.

Outros comportamentos adultos também podem ser prejudiciais à criança. O pai que se sente culpado por não estar presente fisicamente durante o tempo que gostaria ou que julga que seria necessário à criança, não raro tenta compensá-la de alguma maneira. Este desejo de se redimir desta falta, muitas vezes acaba se traduzido em condescendência exagerada, ou em mimo exacerbado, como já foi estudado anteriormente, muitas vezes significando ausência de limites.

Também é necessário, que o adulto ao tentar estabelecer limites, segundo OUTEIRAL (1996, p.35), tenha real consciência dos seus próprios limites, pois perde a credibilidade o adulto que comunica ao aluno que é errado destruir os objetos da escola, quando no fundo ele mesmo tem o desejo de destruí-la, devido a próprios descontentamentos e revoltas internas. Assim, transmite seu sentimento de descontentamento para a criança ou adolescente.

Finalmente, situações onde a criança tem a oportunidade de observar a agressividade e violência como forma de conquista de objetivos dos adultos dão a ela uma impressão, não sem fundamento, de que este é o caminho correto a ser seguido. Este tipo de situação pode ser percebido tanto em seu próprio círculo de relações, como até quando verifica que o presidente de uma grande potência não hesita em declarar guerra a fim de não abrir mão de seus objetivos.

## Exposição da Violência Pelos Meios de Comunicação

Não se pode generalizar esta questão, afirmando que indiscutivelmente a exposição de cenas violentas nos meios de comunicação torna a criança mais agressiva. Outros fatores contribuem para isso e a televisão, filmes, revistas e outros são apenas uma questão a mais.

Segundo DIMENSTEIN (1998, p.57), as pesquisas demonstram que a agressividade constante, como a de gangues de adolescentes, não é uma resposta

deles ao meio hostil, mas um mau hábito emocional aprendido desde a infância. Crianças brutalmente tratadas durante os três primeiros anos de vida passam a perceber somente hostilidade à sua volta. Pesquisas têm indicado também os efeitos negativos da TV sobre a formação das crianças.

Mas, é necessário que se faça uma distinção entre programas de ficção e programas jornalísticos; faixa etária da criança que estará exposta aos meios de comunicação; a tendência natural da criança e ainda o tempo e a freqüência a que estará submetida a cenas de violência em todos os níveis.

> "As crianças assistem à raiva na forma de violência na TV e no cinema, e na forma de autoritarismo militar ou policial. Ouvem falar de crimes e guerras violentas. Como resultado, ficam muito assustadas e em geral fascinadas quando elas próprias sentem raiva. Não é de se admirar que a raiva seja como um monstro terrível continuamente à espreita, tendo sempre que ser suprimido, empurrado para baixo, contornado e evitado." (OAKLANDER, 1990, p.45)

A princípio, uma criança com tendências pacíficas não se influenciará, e tampouco se tornará agressiva, tentando imitar os comportamentos assistidos. Provavelmente, esta criança nem mesmo terá o mesmo interesse por este tipo de programação, que uma criança com uma personalidade mais bélica. Esta, por sua vez, se for exposta a repetidas e constantes cenas com características violentas, tenderá a se identificar com esses comportamentos, considerando-os comuns e corriqueiros. Pode desenvolver uma crença de que conseguirá mais facilmente tudo que deseja, apelando para métodos que envolvam a agressividade.

A criança mais nova, com maior dificuldade em distinguir a fantasia da realidade, pode ser mais influenciável. Se a criança já tiver esta capacidade de discernimento, pode se beneficiar obtendo prazer na fantasia agressiva, e descarregando sua raiva mentalmente, evita atitudes agressivas na prática. Voltaremos a tocar neste assunto no capítulo que fala sobre os contos de fadas.

Seja como for, a exposição a cenas reais de violência, como as habitualmente mostradas em programas jornalísticos, sejam eles de melhor ou de pior nível intelectual, quando vistas por crianças, podem, não só influenciar a agressividade, mas também gerar medo da vida real, banalização da morte, insegurança e desproteção.

Segundo matéria da revista SUPERINTERESSANTE (1999, p.35), “trinta anos de pesquisas nos Estados Unidos sobre os efeitos da brutalidade na televisão, chegaram a seguinte conclusão. Primeira: a TV estimula comportamentos agressivos em crianças predispostas ou criadas em ambientes hostis. Segunda: ela induz à imitação, influenciando a construção dos valores. As teses, que já são antigas, estão nas 2.000 páginas do Relatório Anual do Ministério da Saúde de 1972, dedicado à violência, elaborado depois de audiências no Senado e de uma investigação da Comissão Nacional sobre as Causas e Prevenção da Violência. Em ambos os casos, os efeitos acontecem porque, quanto menor a criança, menos ela discerne entre a fantasia e a realidade. Como seu aprendizado é em grande parte, imitação, tende a copiar e valorizar o quê vê na tela. Mas há bem mais do que isso. ‘A brutalidade na TV tende a cultivar a imagem de um mundo perverso e perigoso, em que não se pode confiar’, diz o pesquisador George Gerbner, professor de Telecomunicações da Universidade de Temple, na Filadélfia, e um dos autores do relatório de 1972. Ele chama de ‘síndrome do mundo mau’ esse fenômeno. ‘Ela acontece independentemente de o telespectador acreditar ou não no que está vendo ou de achar que sabe distinguir ficção de realidade’.

A violência na tela tem efeitos reais. Em 1960, o psicólogo americano Leonard Eronii entrevistou 835 crianças em Nova Iorque e observou o papel da TV em sua existência. Viu que, quanto mais programas violentos assistiam, mais agressivos eram. Em 1971 e em 1980 ele entrevistou o grupo de novo e verificou que muitos daqueles que tinham sido consumidores vorazes de violência na TV tiveram comportamentos hostis na adolescência e como adultos. Quanto mais agressivos eram aos 8 anos, piores tendiam a ser aos 20 e aos 30, protagonizando um maior número de prisões e condenações.”

## Jogos e Brinquedos Violentos

Neste capítulo, serão abordados não só os brinquedos agressivos, como também a importância dos jogos como formas de expressar a agressividade.

Os jogos podem reproduzir situações semelhantes às vividas pela criança e esta, por analogia, pode assimilar alternativas de comportamento para sua vida prática.

WINNICOTT (1998, p.167) ensina que, num jogo, a criança adquire experiência para controlar ansiedade, estabelecer contatos sociais e integrar a personalidade.

> "A agressão pode ser prazerosa, mas inevitavelmente conduz consigo um dano real ou imaginário contra alguém, de modo que a criança não pode deixar de enfrentar essa complicação... enfrenta-a desde a origem quando aceita a disciplina de expressar o sentimento agressivo sob a forma de jogo e não simplesmente quando está aborrecido." (WINNICOTT 1998, p.167)

É justamente o ato de se expor a formas simbólicas de situações que a ameaça ou pressiona, e de experimentar a tensão e o desequilíbrio frente a elas, que dá à criança a possibilidade de se reorganizar e de vir a controlá-las de forma ativa.
Vestir uma fantasia para a criança é uma forma de experimentar um modo de ser, função que permite assimilar emoções e sensações.

É necessário, entretanto, que estes jogos tenham regras bem definidas, para que possam ajudar a criança agressiva sem prejudicar a criança pacífica envolvida na brincadeira.

O brinquedo que costumava ser a sensação em parques de diversão era o tiro da espingardinha rudimentar no patinho de plástico. Este tipo de brinquedo sempre despertou a curiosidade de crianças e principalmente dos pais, que incentivavam nos filhos que estes tivessem boa pontaria. Com certeza, este tipo de brinquedo, foi o precursor da maioria dos jogos eletrônicos da atualidade.

Passando agora a estes games, aos quais têm acesso à maioria das crianças, pode-se dizer que também são brinquedos polêmicos. Da mesma forma que a exposição à violência na TV, na maioria destes jogos, há uma banalização da morte. A maior parte deles consiste em matar um inimigo virtual, ou ir perdendo vidas e recomeçando nova partida a seguir, a partir do zero. Se a criança puder distinguir que isto é uma fantasia, e encarar o jogo como uma alegoria, abstraindo daí a idéia de que sempre há uma nova chance de recomeçar e se aperfeiçoar a partir dos erros, o brinquedo terá cumprido uma função positiva.

Vencendo um jogo eletrônico, onde a criança pôde fantasiar aventuras onde teria sido necessária grande dose de coragem, sua auto-estima e crença em si mesma pode

melhorar. O jogo eletrônico pode ajudá-la também, a descarregar sua raiva numa tela bidimensional, que para ela pode simbolizar situações desagradáveis com as quais teve ou tem que conviver.

Não obstante esses pontos positivos, este tipo de lazer não deve se tornar o único prazer da criança, pois isto impediria uma transferência deste aprendizado para seu cotidiano. Além disso, dar tiros, como forma de liberar instintos agressivos, é uma solução bastante radical. Jogos onde os bonecos trocam socos e pontapés, e ganha o que fizer mais pontos, em vez do que consegue matar o adversário, provavelmente são mais adequados para crianças com comportamentos agressivos graves.

A tecnologia tem reduzido o abismo que separava a fantasia da realidade. Transferida para o computador, a violência ganhou características de realismo sádico. É como se o patinho de plástico do tiro ao alvo daquele parque de diversões, agora espirrasse sangue e guinchasse de dor e desespero.

Os fabricantes esforçam para criar situações cada vez mais cruéis. Existem jogos onde é possível arrancar a cabeça do adversário junto com a coluna vertebral, ou assassinar inocentes pelas ruas, atropelar velhinhas e crianças.

A maioria dos estudos mostra que crianças são influenciadas pela exposição à violência na tela, e, segundo ANDRADOS (1980, p.44), os hábitos adquiridos na infância são a base do comportamento adulto. Uma dos principais efeitos dessa influência é a falta de sensibilização, a indiferença ao sofrimento alheio.

A naturalidade como uma criança aceita a morte por motivo de doença de uma pessoa conhecida da família e pergunta quem a matou, é um exemplo da forma com que as crianças têm seus primeiros contatos com idéia da morte. Depois de fazer jorrar sangue na tela de videogame diariamente, tende a achar tudo natural. Cria-se um estado de espírito em que é possível testemunhar a brutalidade sem envolvimento.

Instrutores americanos utilizam há vinte anos simuladores parecidos com alguns videogames para treinamento de militares e policiais. Segundo pesquisas, estas técnicas de condicionamento usadas pelas Forças Armadas, aumentaram o índice de tiros contra alvos humanos.(AQUINO, 1996, p.23)

Assim, os pais não devem simplesmente obedecer às solicitações de seus filhos, comprando jogos com nomes estranhos, sem antes conhecer seu conteúdo. É

recomendável que eles conheçam o jogo e se possível procurem jogar uma partida antes de comprá-lo, assim evitando expor seus filhos ao contato diário com este tipo de universo.

> "Muitos pais pressentem o perigo que existe em induzir crianças pequenas a ter prazer na crueldade e na maldade. Esse perigo é moral. Permitir que elas se acostumem a esses prazeres contraria todo o esforço humanizador de ensiná-los a conter a violência" (AQUINO, 1996, p.43)

Incentivo à Competitividade

O grande incentivo à competitividade parece ter um apelo muito grande nos dias de hoje. Instintivamente, os adultos, habituados às pressões que sofrem em suas próprias carreiras, acabam por cobrar das crianças performances super eficientes, no intuito de prepará-los para enfrentar seus concorrentes no futuro.

A despeito disso, muitas crianças vêem-se com acúmulos de tarefas, e atividades extracurriculares como cursos de inglês, judô, balé, artes plásticas, música, esportes, etc. Nestes casos, a ansiedade dos pais, para que elas se sobressaiam em alguma atividade, pode trazer-lhes uma grande sensação de impotência, já que muitas vezes, não lhe sobra tempo ou disposição nem mesmo para as lições de casa.

A criança precisa, para corresponder à expectativa dos pais, ser esperta, ágil, capaz de se impor e de se sobressair de qualquer forma e subliminarmente incorpora para sua personalidade o conceito de agressividade, onde os "bonzinhos" ficam sempre para trás. Nem que seja para certificar-se do amor dos pais, ela procura não decepcioná-los.

Há ainda uma grande parcela de adultos que se utilizam da graciosidade ou beleza dos filhos, submetendo-os a sucessivos testes e seções fotográficas cansativas, na tentativa de tentar transformá-los em artistas e se possível obter algum lucro com os cachês eventualmente recebidos por elas. Muitos ainda não se importam que suas crianças se exponham ao ridículo, imitando figuras sensuais e libidinosas, contanto que seja para se sobressair. Expostas constantemente à observação de adultos desconhecidos, passam a sentir a responsabilidade e forte necessidade de um bom desempenho, para não saírem perdendo, quando comparadas a outras.

É de se esperar que este seja, o tipo de adulto que tampouco se importará com o fato do filho bater num colega para obter alguma vantagem.

O incentivo a agressividade, bem como qualquer tentativa de preparar as crianças para viverem na nossa sociedade, pode ser muito útil, mas se for utilizado com moderação.

## Capítulo 4 - LIMITE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO SAUDÁVEL

Seria uma análise superficial caracterizar comportamentos isolados agressivos, como dificuldades de aprendizado, rotulando a criança de aluno-problema.
Muitas vezes devemos entender que o comportamento agressivo numa criança é desejável, se tiver o intuito de reforçar sua identidade.

É freqüente, por exemplo, a atitude que muitos pais tem de projetar em seus filhos seus anseios, a fim de através deles, resolverem suas frustrações.

O ciclo se dá da seguinte forma: O pai ou a mãe desejou um dia ter sido agrônomo, publicitário, pianista, bailarina. Não conseguiu, talvez por que seus pais desejaram que eles fossem médicos, advogados, engenheiros. Apesar de terem sido frustrados pelos pais, repetem a mesma atitude que reprovaram, com seus próprios filhos, cobrando das crianças que estas realizem seus desejos sublimados. Muitas vezes também, alguns professores procuram se realizar nos alunos, sentindo-se ofendidos quando não são capazes de moldá-los da maneira que desejariam. Estas situações podem acentuar a necessidade da criança definir sua identidade e reafirmar sua personalidade, mesmo que para isso tenha que usar de agressividade. Se opondo aos adultos, encontra seu verdadeiro modo de pensar, sentir e agir, criando para si uma postura pessoal independente e mais adulta.

Posturas como essas por parte das crianças são benéficas para seu desenvolvimento, e apesar de contrariarem alguns pais e educadores, não devem ser encaradas como problemas.

Cabe também falarmos sobre a chamada patologização dos distúrbios de aprendizagemque têm sido cada vez mais diagnosticados levianamente. Segundo AQUINO (1996, p.56), existem correntes que acreditam que as dificuldades de alfabetização e dificuldades de aprendizado, em geral em crianças indisciplinadas, são causadas por características inacessíveis aos educadores. Estes casos, como são denominadas as crianças nesta situação, são designados a serem resolvidos fora do âmbito escolar, recorrendo-se a médicos, psicólogos ou fonoaudiólogos.

Nem sempre constituem casos de tratamento, e poderiam ser resolvidos simplesmente através de uma nova abordagem pedagógica.

Temos também que ser prudentes ao reprimir a agressividade. Em crianças apáticas, o comportamento agressivo poderia até ser estimulado. Estes comportamentos devem ser combatidos, principalmente nos casos em que possam progredir transformando-se de agressivos em violentos.

### 4.1. Agressividade x Apatia

Seguindo esta linha de raciocínio, podemos tentar imaginar o que um pouco de agressividade não faria por uma criança apática.

As crianças que são agressivas, ao colocarem seus descontentamentos para fora, são mais fáceis de trabalhar do que as crianças inibidas e retraídas. A criança agressiva se mostra muito mais, possibilitando uma entrada mais fácil em seu mundo mental. Da criança apática é mais difícil tratar, pois ela tem maior dificuldade em colaborar. Não responde facilmente a estímulos e em geral prefere se manter calada, ou afirmar que “não sabe”, “tanto faz”, ou dar de ombros.

A criança agressiva pela própria natureza de seu problema reage instintivamente quando provocada da maneira correta. Apesar de um período inicial, onde é necessário conquistar sua confiança, ela terá maior facilidade em se manifestar mesmo que seja de maneira agressiva.

A criança apática também precisa adquirir confiança no profissional com o qual deverá se relacionar. Ela pode ter se tornado assim, após ter enfrentado situações de estresse emocional. Se a carga emocional foi muito forte e quase insuportável, ela se fecha a fim de não correr o risco de se magoar novamente.

Da mesma forma que a criança agressiva expressa sua necessidade de atenção com comportamentos indesejados à criança apática manifesta a mesma necessidade, abstendo-se de qualquer tipo de comportamento, ou melhor, desenvolvendo um comportamento praticamente inanimado.

Em casos extremados de apatia, como o tipo causado pela exposição maciça da violência pelos meios de comunicação, quando a criança já nem se impressiona, ou assusta, ou teme a morte, horroriza os educadores preocupados com a formação ética e moral do jovem. No caso do índio pataxó queimado vivo em 1997 num ponto de

ônibus em Brasília, muitos alunos pesquisados no Colégio Bandeirantes em São Paulo afirmaram não considerar nada de errado no acontecimento; alguns tiveram apenas a curiosidade de perguntar o que o índio fazia lá. (DIAS, 1999)

Mais uma vez, concluir-se que a atenção dispensada à criança e a paciência quanto a seu modo particular de ser e expressar seus sentimentos são a base de qualquer tipo de ajuda que se pretenda oferecer a ela.

### 4.2. Agressividade x Violência

Há duas maneiras de se analisar a violência. De qualquer forma ela tem origem num processo de agressividade.

A criança agressiva, e não com comportamento agressivo eventual, que não é tratada adequadamente, pode ter o seu processo de agressividade acentuado no decorrer dos anos, já que o tipo de resposta obtido por ela a seu comportamento, passou a ser cada vez menos relevante. Fazendo uma analogia, da mesma forma que uma bactéria adquire resistência a uma droga, o processo agressivo adquire resistência aos meios utilizados para combatê-lo. Conforme descrito no primeiro capítulo deste estudo, seja este método o de mimá-la excessivamente, onde a situação fica incontrolável para os pais, seja o método de punições cada vez mais severas, onde a situação igualmente se complica, a agressividade da criança tende a aumentar cada vez mais, assumindo assim um caráter mais violento e incontrolável.

Por outro lado, não se deve descuidar de uma calma aparente. É preciso deixar de acreditar que paz signifique ausência de todo conflito. Às vezes, por baixo das cinzas da aparente paz, escondem-se brasas incandescentes prontas a transformarem-se em labaredas.

Uma criança que passou anos de sua vida sufocando a agressividade, por ter assumido rígidos conceitos de moralidade ou por medo de perder o amor de seus pais, pode num determinado momento da vida, finalmente externá-lo, neste caso, muito mais intensamente do que através de um simples comportamento agressivo.

## Capítulo 5 - LIDANDO COM A AGRESSIVIDADE

Com base em obras que lidam especificamente com a psicologia da criança, tentaremos aqui, descobrir o que pode estar latente na mente de uma criança agressiva, e identificar maneiras de abordar o tema diretamente com ela, sem contudo ser explícito. Assim, através de alguns artifícios, alcançar seu interior, sem que ela ofereça resistência por medo, desconfiança ou insegurança.

Estabelecendo uma relação de amizade, podemos obter a sua colaboração para solucionar o problema o mais precocemente possível.

### 5.1. Contos de Fadas

Associando o problema da agressividade com a análise dos contos de fadas, consegue se identificar, a contribuição que eles podem dar para uma elaboração mental da agressividade da criança sem que ela necessite exteriorizá-la fisicamente.

A mente contém um conjunto de impressões, parcialmente integradas. A fantasia pode ter o poder de preencher lacunas na compreensão imatura da criança.

A criança começa a fantasiar a partir de algum segmento de realidade, mais ou menos corretamente observado, que lhe pode provocar ansiedades ou necessidades que a podem confundir. Alguma ordenação neste caos se faz necessária e os contos de fadas podem funcionar como catalizadores desses sentimentos controvertidos.

Ao mesmo tempo em que a criança ama e precisa de sua mãe, existem muitos momentos que esta mesma mãe generosa lhe contraria, provocando uma sensação desagradável e despertando sua agressividade. A criança sabe que depende da mãe; além de amá-la e por instinto sabe que não deve odiá-la, pelo menos conscientemente. Num caso como este, ao ouvir a estória de Branca de Neve, por exemplo, consegue ao identificar-se com ela, vivenciar sem culpa, a raiva pela madrasta, que apesar de tão bonita, se transforma em bruxa capaz de maldades terríveis.

Da mesma forma, pode descarregar seu ódio na madrasta e irmãs de Cinderela, sem se sentir inadequada, pois até o próprio adulto que lhe conta a história incentiva este sentimento compactuando com ele. Mais uma vez ela pode sentir raiva e desejar o

mal das personagens que podem estar representando seus próprios pais e irmãos, sem sentir-se inadequada. Com o aval do adulto, seu sentimento de agressividade torna-se aceitável e mais uma vez, a criança tem a possibilidade de expressar-se livremente.

Assim, o caçador da estória de Chapeuzinho Vermelho, é a figura mais atraente, tanto para meninos como para meninas. Ele encarna o conceito de justiça, pois salva os bons e castiga os maus. A ação violenta do caçador (abrir o estômago) serve aos propósitos sociais mais elevados (salvar as duas mulheres). A criança sente que ninguém aprecia que suas tendências violentas lhe pareçam construtivas, mas a história demonstra que elas podem ser.

Em uma outra história, João e suas Barganhas, ele possui um bordão mágico que usa para bater nos pretensiosos pretendentes da princesa, e ela diverte-se com isso. Mais uma vez, a agressividade é vista aqui como uma qualidade, o que pode também aliviar a criança, ajudando a satisfazer seus instintos violentos, ainda que remotos, mentalmente.

### 5.2. Interpretando o Desenho Infantil

Procurando compreender os comportamentos agressivos que uma criança possa desenvolver, e quais fatores eventualmente a levaram a este tipo de manifestação, pode utilizar-se da sua expressão artística. Geralmente a criança não pode expressar seus sentimentos de forma verbal. Seja por que seu repertório vocabular não abrange toda a gama de sentimentos implícitos no seu comportamento inadequado, seja porque tem medo ou vergonha de se confrontar com tais sentimentos, ou ainda porque não reconhece a nível consciente os verdadeiros motivos que o levam a agir com agressividade.

Para crianças que são constantemente criticadas por serem diretas e honestas em relação ao que sentem, torna-se ainda mais difícil esta expressão.

Para isso, a interpretação do desenho infantil, associado ao comportamento físico e oral enquanto desenha, pode ser de grande ajuda para o trabalho de reconhecimento do problema de cada criança.

Segundo OAKLANDER (1990) e alguns exemplos citados em seu livro, podemos aprender técnicas que ajudem-nos a entender o quanto a criança considerada agressiva se percebe muitas vezes solitária e incompreendida pelos adultos.
Quando uma criança expressa intensa raiva, pode-se usar a ocasião para mostrar-lhe que desenhar sentimentos pode trazer um grande alívio.

Um menino, furioso ao falar do seu irmão, ao desenhar os seus sentimentos, agarrou um lápis preto com força e rabiscou fervorosamente uma folha de papel. Ao terminar, sentiu-se mais calmo e relaxado.

Outra menina, na mesma situação, fez um desenho com lápis de cor laranja e vermelho, dando a ele o título de “Ardendo de Raiva”. Seus traços não eram fluentes como os do menino mencionado acima, mas distintos e separados, cada um fechado dentro de uma moldura dentada. Esta menina não se sentiu relaxada após a atividade.
Sendo solicitada a “ser” um desses fogosos rabiscos vermelhos, ela disse: “Eu estou muito brava, cor de raiva, e estou fechada”. A verdade era que não sabia como expressá-la.

Um desenho feito por outra menina de 13 anos, mostrava algumas cores claras e fortes, cercadas por um contorno muito grosso e preto. Ao falar do desenho, ela disse: “A raiva me cerca e congela os sentimentos bons que estão lá dentro, e eles não podem sair”. O comentário descrevia o seu comportamento. As pessoas da sua vida raramente viam qualquer de seus bons sentimentos; viam apenas a sua depressão e soturnidade. Este pode ser um bom momento para iniciar-se uma conversa sobre sua raiva, e como exprimir seus sentimentos.

### 5.3. Técnicas para lidar com o comportamento agressivo

OAKLANDER (1990, p.240) comenta algumas experiências: Ao tratar de uma criança que havia passado por uma experiência anterior de terapia, que aparentemente lhe foi desagradável, a criança que não queria se abrir, após algumas tentativas murmurou alguma coisa, e sua perna estava se mexendo para frente e para trás, quase um movimento de chutar. Ao ser estimulada com a frase “Parece que você está querendo chutar com sua perna”, ela respondeu: “É! Eu queria mesmo chutar ele!” Para

este caso a sugestão foi que a criança chutasse a cadeira como se ele tivesse ali sentado. Ela se levantou e o fez. Estimulada a continuar a dizer-lhe alguma coisa junto com cada chute, a criança se desbloqueou e começou a dizer: “Eu odeio você! Você me fez sentir mal!“ Ficou fazendo isso por algum tempo. De repente parou, sentou-se, sorriu, e mudou de assunto. Seu corpo agora ficou relaxado, e seus modos adquiriram um caráter aberto e amigável. Este foi o início de uma relação terapêutica gratificante e bem sucedida.

Outros elementos úteis para ajudar as crianças, segundo OAKLANDER (1990, p.241), a expressar sua raiva, são baquetas para tambor (bastões tendo numa das extremidades uma bola de madeira recoberta de espuma), faca de borracha, arremessador de dardo, e o João teimoso (o boneco que não cai).

Outra coisa que faz sentir-se bem é modelar uma figura real ou simbólica com argila e em seguida amassá-la com um soco ou bastão.

Outro exemplo é o de um menino pequeno que demonstrou seus sentimentos desfigurando a cara do irmão feita de argila. Estimulado a que falasse com a cara de argila enquanto a deformava, forneceu mais material do que se ele tivesse apenas se queixado do irmão.

Ao terminar, o menino alisou o barro e fez um rosto novo para representar o irmão. “Por enquanto ele já apanhou bastante”. Disse. A flexibilidade da argila é útil, pois permite à criança ao reconstruir um estado de espírito apaziguado, desfazer qualquer dano causado.

A sugestão aqui é que se inicie o trabalho sem tocar no assunto da sua agressividade, o que provavelmente a afastaria. Apresentar algum tipo de atividade a fim de estabelecer confiança é mais indicado.

Apesar da criança saber o motivo de estar ali, é provável que resista a qualquer tipo de intrusão.

As crianças que são agressivas, provavelmente, serão mais fáceis de trabalhar do que as inibidas e retraídas. A agressiva demonstra mais facilmente o que se passa com ela, pois reage mais imediatamente a estímulos.

Convidando-a a alguma atividade prazerosa, a criança, em geral ficará satisfeita com a atenção que lhe é dispensada e enfraquece suas barreiras.

O que parece necessário é que a criança se sinta consciente de seus sentimentos hostis e se sinta forte e inteira em vez de fugir de enfrentá-los

Segundo TRAIN (1999, p.217), ao tentar lidar com a criança agressiva, podemos utilizar de várias abordagens diferentes:

Pode-se tentar retirá-la do ambiente que lhe causa dificuldades; ajustar as situações para atender suas necessidades; procurar alterar a maneira como as outras pessoas recebem seu estado; ensinar a ela e aos que cuidam dela, habilidades de comunicação e negociação ou ainda elaborar esquemas de apoio para a criança e para sua família. É possível ainda utilizar empregar técnicas para evitar crises de agressividade.

Principalmente, é necessário que se observe a maneira como a criança se vê, pois daí decorre a forma com que ela reagirá às circunstâncias.

Primeiramente devemos estar atentos ao fortalecimento da sua personalidade e ao estímulo do senso de identidade mais forte. Assim esta criança reagiria de maneira menos defensiva em relação aos outros.

A criança precisa sentir que tem algo de positivo e útil a oferecer, para que perceba-se única e necessária.

Ajudando-a se perceber independentemente de seus sentimentos isolados e circunstâncias específicas, estaremos nos aproximando do caminho ideal para a compreensão da agressividade excessiva.

DANTAS (1992, p.55) cita uma abordagem que utiliza quatro princípios:

a) Avaliação pessoal – Promover uma auto-avaliação da criança, lidando com aspectos conscientes, analisando seu momento presente e tentando auxiliá-la a reconhecer quais as pessoas mais importantes para ela, quais os lugares mais significativos e quais eventos mais relevantes de seu universo. Discutir sua aparência física, seus pontos positivos, encorajar a criança a encarar a vida com objetividade e resolver os aspectos ambivalentes dos seus sentimentos. Trabalhar com ela visando sempre elevar sua auto-estima, pois a criança agressiva tende a focalizar sempre seus pontos negativos. Conseguir um resultado positivo desta auto-avaliação pode ser difícil, requerendo um trabalho paciente e generoso.

b) Disciplina pessoal – as exigências que de alguma forma a vida ou nós mesmos nos impomos, fortalece nosso senso de individualidade. Reconhecendo nossa limitações e gerando sempre novas expectativas, estimulamos nosso movimento em direção ao crescimento.

A força de vontade, responsável por nos impulsionar para a vida pode ser conquistada através de disciplina.

Encorajando-se uma criança a diariamente executar uma tarefa que exija algo dela e que tome parte regular do seu tempo, podendo-se sugerir que a cada dia exija um pouco mais de si mesma, pode fornecer a ela um senso de determinação, permitindo que ela perceba que está no controle de sua própria vida e consegue dominar sua capacidade.

Esta tarefa pode ser se possível algum tipo de exercício físico, que além de promover mudanças fisiológicas, acalmando a criança e produzindo uma sensação de calma e bem-estar; promove também harmonia, no sentido de ter um horário regular para esta ocupação.

c) Heróis pessoais – ao identificar os heróis com os quais a criança se identifica, procurar reduzir o caráter intangível que estes possam estar ocupando. Crianças agressivas tendem a um nível de exigência muito alto em relação a si mesmas e auto-crítica severa. Se a distância entre ela e o ser que, dentro do seu mundo de fantasia, é capaz de realizar suas aspirações, for muito grande a criança pode sentir-se ainda mais incapaz. Este herói de sua fantasia, nem sempre é um ser fantástico, mas muitas vezes um adulto de suas relações idealizado, que apesar de na verdade ser uma pessoa comum é perfeito, ou mais que perfeito no seu imaginário.

Desmontar estes ídolos substituindo-os por um parâmetro mais facilmente atingível, também deve diminuir o nível de frustração da criança.

Comparar-se com outras crianças da mesma idade, provavelmente seria uma avaliação mais justa e realista.

d) Controle pessoal – segundo TRAIN (1997, p.221), o eu de cada um, deve ser visto dissociado de como ele se sente, como pensa e como age. O eu é constante e não se modifica de acordo com o intelecto, com o corpo ou com as emoções do indivíduo. Separando estes aspectos superficiais do verdadeiro eu, segundo a própria

vontade e apreciando as subpersonalidades, é possível evitar a depressão e aceitar sem remorsos nem ressentimentos, as limitações intelectuais e corporais que lhe são peculiares.

Conseguindo isto, a criança se torna mais fortalecida e menos suscetível a crises agressivas que representem impotência diante de dificuldades.

Esta abordagem não deve, porém acontecer prematuramente, ou seja, enquanto a criança ainda não estiver preparada para ela. É importante muito cuidado para que não se desagregue a identidade e coesão conseguida com o trabalho feito até então. Por isso, este estágio só poderá ser alcançado quando realmente o fortalecimento do eu da criança estiver concluído.

Outras sugestões práticas que podem ser citadas são as atividades físicas em grupo. Elas podem ser um antídoto contra a agressividade causada por atividades solitárias como a televisão e videogames. Esportes em geral ajudam à criança a gastar energia física e externar a agressividade positivamente.

Fazer um gol num jogo de futebol ou driblar um adversário, dar uma cortada ou um saque num jogo de vôlei, tênis ou até mesmo de pingue-pongue, fazer uma cesta num jogo de basquete ou passar uma bola sem que o adversário tenha a oportunidade de interceptá-la, tentar correr mais rápido ou saltar mais alto que um oponente, são gestos que podem descarregar tensões, além de aumentar a auto-estima, evitando que a criança sinta necessidade de externar sua agressividade de forma prejudicial.

Artes marciais também são consideradas de grande utilidade, desde que o mestre responsável pela transmissão da arte enfatize também os aspectos filosóficos da luta e conscientizem o aluno da inadequação de praticar a luta fora do tatami.

Assim, para crianças superprotegidas, assumir o papel de agressor num game violento pode ser um meio de lidar com a ansiedade, mas se elas se acostumarem com o mundo virtual, podem não conseguir lidar facilmente com suas ansiedades no mundo real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso enfatizar que tanto pais, como educadores são de grande importância para um processo sadio de desenvolvimento da criança. É preciso encarar a agressividade como:

> "Uma questão inteiramente vital. Relacionada com a doença de um mundo em que o ódio floresce do berço ao túmulo. Há, como é natural, muito amor neste mundo. Se não fosse assim, poderíamos desesperar a humanidade. Cada pai e cada educador antes de sê-lo deve tomar conhecimento disso e tentar conscientizar-se da gravidade e complexidade do problema. Cada pai e cada educador deveriam tentar descobrir, seriamente o amor em si próprio para poder tentar coibir esta agressividade" (BOLSANELLO, 1990, p.163)

Pode – se perceber que a agressividade é um fator participante no processo de crescimento do indivíduo, onde este se utiliza dele como forma de reagir frente ao mundo. Além da família, as atividades escolares têm grande influência neste processo, cabe a cada educador conduzir a criança de modo a evitar condutas agressivas, socialmente condenável, proporcionando oportunidades de exercer sua atividade agressiva sobre coisa ou mesmo pessoas, de maneira socialmente aceitas, sem que para isto a criança seja modelada limitando-a de expor sua criatividade e emoções.

Além disso, a atenção dispensada à criança, não é só em tempo físico, mas principalmente na qualidade do relacionamento entre ela e o mundo, é o método mais indicado, apesar de aparentemente simples.

Assim, sempre tentando conhecer o universo mental da criança e considerando que cada uma tem sua individualidade, não se deve estabelecer parâmetros rígidos para um trabalho eficiente, já que cada uma tem seu histórico distinto, diferenças inatas e tendências diversas.

Conseguindo diferenciar as formas de expressão da raiva e as diferentes causas do comportamento agressivo, foi possível ainda delinear as influências positivas e negativas de comportamentos adultos e exposição aos meios de comunicação e jogos violentos, bem como a impotência que pode causar na criança um incentivo exagerado à competitividade.

Delimitando a diferença entre atitudes agressivas saudáveis, que devem ocorrer naturalmente como forma de posicionamento do indivíduo dentro de qualquer sociedade, e comportamentos agressivos inadequados, surgiu ainda a oportunidade, deixar um alertar sobre o perigo de imprudência ao considerar precipitadamente como agressiva, uma criança sem problemas reais.

Através de exemplos de profissionais experientes, foi possível um número grande de sugestões de como lidar com a criança agressiva de forma produtiva e agradável para ambos (a própria criança e qualquer profissional ou pai que se veja imbuído do desejo de ajudá-la).

É importante ressaltar que se o problema for detectado o mais rápido possível, não ignorando ou negligenciando comportamentos sinalizadores, existe a possibilidade de se antecipar ao perigo eminente de que um comportamento agressivo primário se potencialize, transformando-se durante a adolescência em delinqüência incontrolável. Assim, é importante inclusive, que se procure fazer um trabalho junto à sociedade em geral, que possa conscientizar cada cidadão da parcela de responsabilidade que lhe cabe, na tarefa de proporcionar um mundo melhor para o desenvolvimento da nova geração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADOS, Isabel. **Orientação Infantil**, Rio de Janeiro. Vozes, 1980.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

BOLSANELLO, Aurélio. **Conselhos – Análise do Comportamento Humano em Psicologia.** 18º ed. São Paulo: Brasileira S. A., 1990.

DAVIS, Linda. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Empresa Cidadã, 1983.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do Desenho Infantil**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Aprendiz do futuro. Cidadania hoje e amanhã**. São Paulo: Ática, 1998.

LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl. ;DANTAS, Heloysa. PIAGET, VIGOTSKY, WALLON: **Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo, Sumus, 1992.

NEWCOMBE, Mussen Nora. **Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Artnaed, 1999.

OAKLANDER, Violet. **Descobrindo Crianças**. São Paulo, Summus, 1990.

OUTEIRAL, José O. **Adolescer: Estudos Sobre Adolescência**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1996

TRAIN, Alan. **Ajudando a Criança Agressiva**. Campinas, Papirus, 1999.

WINNICOTT, D.W. **Pensando Sobre Crianças**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

### Artigos consultados

DIAS, Carlos; AGUERRE, Gabriela; VASSOLER, Ivani. *Brincando com Fogo*. In Revista Superinteressante. Ano 13 N.º 6. 1999.